

**PROJETO DE LEI Nº       , DE 2001**  
**(Do Sr. JOÃO CALDAS)**

Denomina "FRANCO MONTORO" a ponte rodoviária sobre o rio Grande, entre os Estados de São Paulo e Minas Gerais.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º     Fica denominada "FRANCO MONTORO" a ponte rodoviária sobre o rio Grande, localizada entre os municípios de Igarapava, no Estado de São Paulo, e Delta, no Estado de Minas Gerais.

Art. 2º     Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

**JUSTIFICAÇÃO**

André Franco Montoro foi o mais notável homem público que o Brasil já conheceu. Foi um grande governador de São Paulo, fez por quase 70 anos uma carreira política sem jaça.

Foi líder da Ação Católica, foi um dos fundadores do Partido Democrata Cristão, foi vereador, foi várias vezes deputado e senador. Foi ministro do Trabalho de João Goulart e no governo parlamentarista de Tancredo Neves.

Lutou sempre pela democracia e pela justiça social, primeiro no MDB, depois no PMDB, e finalmente no PSDB, do qual se tornou presidente de honra. Foi professor de Introdução ao Direito na PUC de São Paulo.

Teve sempre ao seu lado uma mulher solidária e companheira. Foi pai de sete filhos unidos, voltados, como ele, para as causas públicas:

uma educadora, um economista e político, um jurista, um arquiteto, um administrador público e um poeta. Em seu governo do Estado, reuniu uma equipe da qual foi mestre na política: José Serra, Paulo Renato, José Gregori, Clóvis Carvalho, Andrea Calabi, Michel Temer, Geraldo Alkimin, Yoshiaki Nakano, João Sayad, José Carlos Seixas, João Yunes, Roberto Gusmão, Antônio Angarita, Gilberto Dupas, Paulo Sérgio Pinheiro e tantos outros.

Montoro era modesto, não conhecia a arrogância. Foi esse um dos segredos do grande governo que realizou em São Paulo, cujo primeiro ano foi marcado por grande crise econômica, instabilidade social, desvalorização da moeda e ajuste fiscal. Montoro era político e jurista, não era executivo. Sabia disto. Não teve dúvidas, portanto, em delegar grande parte da atividade executiva de seu governo à sua equipe, principalmente a José Serra.

Ninguém tinha dúvidas de que ele era o governador, era quem definia as diretrizes, tomava as iniciativas e as decisões mais importantes, dando o respaldo político aos seus subordinados, mas a administração firme das finanças e um plano de governo competente foram delegados à sua equipe.

Montoro foi firme e corajoso. Nada ilustra melhor sua coragem do que sua luta permanente contra a ditadura, que culminou na decisão de realizar na praça da Sé, no início de 1984, o grande comício que deslanchou a campanha das “Diretas Já”. A maioria dos seus assessores o desaconselhava. Seria perigoso, não apareceria ninguém. Mas Montoro não hesitou um momento. E o grande comício que organizou ficará na história do país.

Montoro era generoso. Derrotada no Congresso a tese das eleições diretas, foi ele quem teve a iniciativa, ajudado por Roberto Gusmão, de fazer a articulação com Tancredo Neves e com os demais governadores de oposição para lograr a eleição no colégio eleitoral, de um candidato da oposição. E, embora fosse o candidato natural, não teve dúvida em ceder seu posto a Tancredo Neves, pelas melhores condições que este tinha de dividir o partido do governo militar. Como Montoro era generoso, jamais passava pela sua cabeça abafar os jovens, ou dividir os companheiros para garantir seu poder.

Montoro era um notável orador, como todo político deve ser, e um homem público com a sensibilidade para as necessidades e demandas da população. Nos anos 60, sua frase “salário não é renda” ficou famosa. Ela pode ser discutível do ponto de vista econômico, mas fazia um enorme

sentido político e social em um Brasil em que os salários dos trabalhadores eram tão baixos.

Montoro era um homem prático, que vivia com os pés no chão, mas, ao mesmo tempo, era sempre, e antes de mais nada, um político de princípios. Nunca vi antes e creio que não verei no futuro um político que, além de fiel a seus princípios éticos, os reafirmava sempre, em qualquer circunstância. E ao fazê-lo, muitas vezes se repetia. Mas todos o ouvíamos com a maior atenção e respeito, porque ali era a voz coerente com a ação.

Um antropólogo francês, Pierre Clastres, ao procurar caracterizar o chefe índio americano (exceto os das grandes civilizações incas, astecas e maias), afirmou que eles possuíam três qualidades fundamentais: a coragem, a generosidade e a capacidade de falar e repetir, todas as tardes, os valores e crenças de sua tribo. Montoro era assim: corajoso, generoso, e com uma infinita capacidade de reafirmar princípios e valores.

Montoro, finalmente, era um otimista. Ele jamais descreia da humanidade. E cria antes na bondade e na capacidade de cooperação do que no egoísmo dos homens e mulheres. Ele jamais se dava por vencido. Ainda reafirmava sua crença no parlamentarismo, e contava o que estava fazendo para trazer de novo o problema para a agenda política do país.

Com certeza, tal homenagem a Franco Montoro significa o reconhecimento eloqüente do Congresso Nacional por aquele que, verdadeiramente, soube ensinar a todos quão importante é lutar e morrer por nossos ideais, por aquilo que acreditamos.

Sala das Sessões,

2001.